

A Igreja do Espírito segundo Joaquim de Fiore

Pe. José Artulino Besen
Professor de História da Igreja

J

INTRODUÇÃO

Joachim DE FIORE nasceu na Calábria, Itália, pelo ano de 1135 e faleceu no mosteiro de São João in Fiore, Cosenza, em 1203.

Peregrinou pela Terra Santa e ingressou na Ordem dos Cistercienses. A partir de 1177 foi abade em Corazzo, fundando diversos mosteiros. Em 1191 abandonou a abadia para fundar, perto de Cosenza, o mosteiro de São João in Fiore, início de uma ordem local aprovada por Celestino III em 1196. Faleceu com fama de santidade.

Joachim DE FIORE viveu na Baixa Idade Média, numa Europa que via, de um lado, nascer o ideal do Estado autônomo e, de outro, o Pontificado romano realizar o sonho de dominar o mundo, colocando o poder temporal a serviço do poder espiritual, buscando concretizar o ideal agostiniano de uma cidade terrestre à imagem da cidade celeste. Foi o tempo da reforma gregoriana, seguindo-se Inocêncio III e, no final do século XIII, Bonifácio VIII, a cujos pés pareciam ajoelhar-se todos os príncipes terrenos mas que, simbolicamente, acabou sendo preso por ordem de Filipe IV o Belo, da França, com a cumplicidade de 2 cardeais. No mais alto ponto do poder papal, a maior humilhação papal. Ia nascendo o mundo moderno, autônomo frente ao poder religioso, enquanto o Papado aumentava sempre mais suas exigências frente aos reis e imperadores.

Roma simbolizava o poder no mundo e a Igreja se estruturava sempre mais como uma imensa burocracia, sustentada por um sistema fiscal do qual nenhuma nomeação, dispensa ou indulgência escapava. Sedes episcopais tornavam-se principados, com moeda, exército e alfândega próprios, governadas por bispos-príncipes que se endividavam para obter a nomeação e depois taxavam o povo para pagar as dívidas. Valeria para o período a frase usada nos tempos da Reforma protestante: "Deus não quer a morte do pecador, mas que viva e pague".

O povo tornava-se sempre mais pobre: pagava tributos ao dono da terra, ao rei, ao bispo e ao papa.

É neste contexto de opressão econômica e religiosa que devem ser entendidas as "heresias" do período, mais numerosas do que se pensa. No mesmo contexto se situa a reação da Igreja, que julgou poder sufocar, com a Inquisição e a violência, legítimos desejos de reforma eclesial e de retorno à pobreza evangélica, cujo alvo principal era tirar da Igreja o poderio terreno. O mundo da heresia queria viver o

Cristianismo, e não destruí-lo. Nem sempre se consegue ver legítimas aspirações em movimentos religiosos marginais.

O século XII, como reação ao mundo eclesial, vê acentuar-se a devoção à pessoa de Jesus, ao mistério de Belém, à vida oculta de Nazaré, à humanidade sofredora de Cristo. Em oposição ao Cristo triunfante (Pantocrátor), o Cristo pobre e sofredor. Na alta esfera eclesiástica, o Cristo rei do mundo representado pelo papa e os bispos dividindo o poder com reis e príncipes; no mundo cristão popular, o Cristo crucificado, escondido, indefeso.

É época de misticismo, surgindo pujante Teologia mística e contemplativa em oposição à árida Teologia especulativa. Grandes teólogos são contemplativos. Época de valorização de visões, revelações, profecias, época de Santa Hildegarda e de Joaquim DE FIORE.

HILDEGARDA, abadessa de Rupertsberg (Mainz) era conhecida e venerada por suas visões. Pouco culta, mas consultada por prelados, príncipes e grandes senhores.

A reação a essa situação se dá na vida prática, fora do âmbito teórico e se concretiza numa nova vida comunitária. Formam-se *seitas*.

Impressionante como a multiplicação dessas comunidades religiosas e seus reclamos se assemelham aos movimentos religiosos atuais, às seitas cristãs deste final de século XX. O leitor, acompanhando agora os fatos de 800 anos atrás, terá a impressão quase visual de estar às vésperas do 3º milênio!

As seitas demonstram como a cristianização tinha penetrado profundamente na alma popular e comprovam o desejo, ao qual a Igreja não tinha oferecido espaço, de uma espiritualidade leiga fora dos mosteiros. Era o desejo de perfeição, de viver a renúncia batismal no meio do mundo, o anseio por uma vida apóstolica. Não havia o cultivo oficial de uma piedade leiga-secular. Desse modo, o cuidado espiritual dos pobres ficou nas mãos de pregadores itinerantes. A Igreja, sem o querer, restringia-se às três classes dominantes: clero, monges e cavaleiros.

Os *pedro-busianos*, seguidores de Pedro DE BRUYS (queimado em 1132 em Arles), negaram o pecado original, o batismo

"O mundo da heresia queria viver o Cristianismo, e não destruí-lo"

das crianças, o sacerdócio dos indignos, a tradição e os sacramentos.

Arnaldo DE BRESCIA (queimado em 1155 em Roma) defende o ideal da pobreza e da vida apostólica, critica a hierarquia rica e simoniaca, a mundanidade dos clérigos, nega qualquer poder político e temporal aos papas. Sua espiritualidade leva-o a apoiar os movimentos democrático-políticos, apoiando a aspiração dos romanos à liberdade republicana.

Perto do ano de 1150 tinham-se espalhado pelo sul da França os *cátaros*. Sua origem deve ser buscada nos Balcãs, onde tinham sido isolados os remanescentes dos antigos maniqueus. Através dos contatos com as Cruzadas, atingiram o Danúbio. São o fruto do contato entre o Oriente e o Ocidente. Sua doutrina era dualística, condenavam tudo o que tivesse relação com a matéria (matrimônio, propriedade privada, organização do Estado). Bom era o que estava ligado ao espírito. Negavam a ressurreição, a encarnação de Cristo e o Antigo Testamento. Eram inimigos dos sacramentos da Igreja, especialmente da Eucaristia. O instrumento principal da graça era o "consolamentum", imposição das mãos por parte de um irmão puro, que trazia a remissão dos pecados. Sua principal força de atração era a crítica à riqueza e ao poder da Igreja, a mundanização dos bispos e sacerdotes. Guerras e cruzadas foram proclamadas contra eles. A

*"Sua principal
força de
atração era
a crítica
à riqueza e
ao poder da
Igreja"*

bem da verdade, deve-se dizer que seu triunfo significaria o fim da Europa. A guerra contra os cátaros albigenses deu-se entre 1209-1229. Não era fácil, porém, calar com guerras e Inquisição as críticas à riqueza da Igreja e ao luxo do clero e à odiosidade dos bispos-príncipes.

Os *valdenses*, conhecidos como "Pobres de

Lião", tiveram sua origem na conversão de Pedro DE VAUX, rico comerciante que em 1173 distribuiu seus bens aos pobres. Propôs-se viver o conselho do Senhor (Mt 10,9ss) e começou a peregrinar pregando a penitência. Enviou seus discípulos, dois a dois, a anunciar a penitência. Seu slogan: "*Retornai à Igreja apostólica pobre!*" Para eles bastava a Bíblia e foi com eles que teve início o grande movimento bíblico leigo.

Os *amalricianos* tiveram origem no grande mestre de teologia em Paris, Amalrico DE BENA, perto de Chartres (+ 1206/1207). Falavam de uma triplice encarnação de Deus: como Pai em Abraão, como Filho em Cristo e como Espírito Santo em cada crente. Negavam os sacramentos e as instituições eclesiásticas e viam no papa o Anticristo. A seita foi descoberta em Paris em 1209 e vários de seus seguidores foram aprisionados ou queimados.

David DE DINANT (+ depois de 1215) fez-se intérprete de teorias panteísticas sobre Deus, o mundo e a alma: revalorizou conscientemente o antigo panteísmo e não

rejeitou nem mesmo as consequências materialísticas de sua teoria. Para ele Deus era a matéria, a matéria era Deus.

Sob o pontificado de Inocêncio III (+1216) surgiu em Strassburg a heresia de ORTLIEB e dos *ortliebários*, junto aos quais predominavam concepções racionalísticas. Julgavam que o mundo fosse eterno e que Jesus fosse apenas filho de José e de Maria. Praticavam penitências severas e condenavam o matrimônio.

Os *luciferianos* - seguidores e adoradores de Lúcifer - eram uma derivação da heresia dos cátaros, que acreditavam nos dois princípios primordiais do bem e do mal. Tiveram certa difusão em diversos países. A primeira perseguição que sofreram foi na Alemanha, em 1227, pelo inquisidor Conrado DE MARBURG, o rígido confessor de Santa Isabel da Turingia. Sua conduta fanática e até injusta levou-o a ser assassinado.

Os *stedingios* foram perseguidos entre 1230 e 1240. Praticavam consultas aos espíritos malignos e às adivinhas, usavam ídolos de cera, devastavam igrejas, profanavam a Eucaristia. Eram de origem frísia, amantes da liberdade. Essas atitudes eram vestígios de antigas superstições pagãs não vencidas pela cristianização e um modo de lutar contra o tirano Arcebispo Conrado II DE BREMEN. Misturou-se ali luta política com luta religiosa.

Os *Irmãos "do novo Espírito"* - do livre Espírito - iluminados - *alumbrados* (Espanha) - surgiram na segunda metade do século XIII na Alemanha, Suíça, Inglaterra, Itália e Espanha. Dividiam-se em muitos grupos independentes entre si. Proclamavam a completa emancipação do espírito em relação à carne, afirmavam que quem estivesse em união com Deus não pecava mais, fizesse o que fizesse. A oração e os sacramentos para eles eram inúteis e até prejudiciais. Esta mentalidade foi combatida até a Reforma protestante.

Os *Apostólicos* ou Irmãos apostólicos surgem com Geraldo SEGARELLI de Parma, expulso da Ordem franciscana. Em 1260, por conta própria reuniu companheiros com o propósito de renovar a vida apostólica de pobreza e de pregação. Foi queimado. Seu sucessor, Fra DOLCINO, depois de 1300 perseguiu mais ainda a Igreja, acusando-a de ser a "meretriz babilônica" do Apocalipse e anunciou como próximo o momento em que seria julgada. Foi queimado, com sua companheira Margarida, em 1307. Podiam ser citadas ainda outras seitas, como a dos *patarenos*, que pregavam a pobreza absoluta da Igreja. Mas fiquemos com este quadro, que já dá uma idéia da vivacidade e seriedade religiosa do período.

Aquilo que a Inquisição não conseguia destruir, as excomunhões não amedrontavam, foi vencido por um poderoso movimento religioso que oferecia, dentro da Igreja, resposta aos anseios religiosos populares por uma vida cristã autêntica, despojada, pobre: foi a força das Ordens mendicantes que se multiplicaram no período: os *franciscanos* (São FRANCISCO - 1181/1182-1226), os *dominicanos* (São DOMINGOS - 1170-1221), os *carmelitas* (1185), os *Eremitas de Santo Agostinho* (1256), os *mercedários* (1222), os *servitas* (1233). Sua espiritualidade e mística respondiam, em âmbito ortodoxo, aos desafios das heresias: viver o Cristianismo na pobreza e na oração, renunciar ao poder e aceitar o serviço. Especialmente Francisco teve a grandiosa intuição de criar três Ordens: a primeira para os homens (franciscanos), a segunda para as mulheres (clarissas) e uma terceira **para os leigos** (a Ordem Terceira)! A espiritualidade

monástica entrava no campo familiar e profissional. Podia-se viver o carisma franciscano sem a retirada para um convento.

JOAQUIM DE FIORE, RESPOSTA PARA SEU TEMPO

A obra de Joaquim DE FIORE não foi escrita como protesto. Era um homem profundamente religioso e submeteu suas obras à aprovação da Igreja. Não quis contrariar a hierarquia católica. Suas instâncias eram religiosas e devem ser compreendidas no seu amor pelo ideal monástico, que desejava fosse o motor da sociedade eclesiástica e civil. Num mundo de poder, via na vida monástica o caminho para a Igreja e, mais que isso, sentia que um mundo monástico seria a obra final do Espírito.

Joaquim DE FIORE era conduzido por visões apocalípticas, vida ascética e pregação profética. Era dominado pela idéia de reforma da Igreja, mote que atravessará todo o século XIII e irá até a Reforma de 1517. Estas idéias estavam destinadas a ter grande influência, pois brotavam de sua fé. Seu espiritualismo, que volatilizava a Revelação, foi combatido pela Igreja da "potestas directa" de maneira unilateral: não se logrou sentir o que lhe estava no coração. Ele esperava, como logo veremos, um renascimento da Igreja, uma *era espiritual*, pois sentia que a sociedade - tanto o Estado como a Igreja - estava profundamente decaída. O renascimento viria de um novo mundo, **o do Espírito**, que suplantaria a Igreja dos clérigos, dando lugar a uma *Igreja carismática*.

Diferentemente do que era feito até ele, a Cristologia não era o centro de sua Teologia, mas a Trindade. As três Pessoas da Trindade fez corresponder três eras da história da Salvação.

Obras autênticas: "*Libelo sobre a unidade ou a essência da Trindade*", contra Pedro LOMBARDO; "*Exposição do Apocalipse*"; "*Concordância do Antigo e do Novo Testamento*"; o "*Saltério de 10 Cordas*".

Seu método se baseia numa proporcionalidade numérica e paralela que existe entre os personagens e os fatos dos dois Testamentos. Os fatos históricos são interpretados alegoricamente, transformando-se em tipos ideais de um processo ideal-eterno que se realiza tanto no Antigo como no Novo Testamento. Assim, o estudo da Escritura permite, pelo conhecimento do passado, conhecer o futuro.

Ele divide a história da Salvação em três eras:

1ª - **Era do Pai**: anterior a Cristo, dominada pela letra da lei e da carne, foi a época dos casados e dos leigos. Estendeu-se da criação até a Redenção.

2ª - **Era do Filho**: era de Cristo ou era cristã (42 gerações de 30 anos cada uma, conforme Mt 1,17), representando um estágio intermediário entre o espírito e a carne. É o período dos clérigos.

3ª - **Era do Espírito**: era do Espírito Santo, época dos monges. Nessa era o "Evangelho eterno" (Apc 14,6), entendimento espiritual superior dos dois Testamentos, será anunciado por uma nova ordem monástica. A Igreja carnal cederá lugar à Igreja espiritual. Uma nova ordem de homens

espirituais submeter-se-á à direção de um chefe imitador de Cristo, que ocuparia o lugar dos bispos. A preparação dessa era teria início por volta de 1200, inaugurando-se em 1260.

Os tempos neo-testamentários subdividem-se em dois momentos: o do *Evangelho temporal*, ligado à letra, e o do *Evangelho eterno*, marcado pelo Espírito. O tempo do Evangelho temporal identifica-se com a Igreja petrina e sacramental. A imagem histórica da Igreja é apenas uma passagem transitória para a plenitude da Igreja espiritual.

A terceira era começou com São BENTO e estaria às portas.

Joaquim DE FIORE situa dentro da história o conteúdo do Reino escatológico: a última era de Agostinho se realizará aqui. Em outras palavras, a Parusia será uma realidade histórica e, para ele, iminente. Desse modo, Cristo é a pré-história do Cristianismo. Joaquim é trans-católico e não anti-católico.

Pode-se dizer que as conclusões de Joaquim DE FIORE são fruto da situação eclesial marcada pelo poder, pelos interesses materiais de uma Igreja exageradamente "visível". Místico e contemplativo, julgava essa Igreja transitória e acreditava que ela se transfiguraria em "espiritual". O Papado não desapareceria, mas seria sublimado: de chefe visível da Igreja passaria a ser o centro de gravidade da história da humanidade e guia universal da verdade. Haverá hierarquia e sacramentos, mas espiritualizados, mais conformes ao tipo de JOÃO que de PEDRO.

"O renascimento viria de um novo mundo, o do Espírito, que suplantaria a Igreja dos clérigos"

A HERANÇA JOAQUIMITA

Durante anos suas profecias foram negligenciadas, mas fizeram sucesso quando os Frades franciscanos viram em São Francisco e em sua Ordem os "homens espirituais" e o seu chefe, que governariam o novo mundo que estava por nascer em 1260. Geraldo DA BORGO SAN DONNINO OFM exaltava Francisco como o novo legislador e profeta enviado por Deus e via nos Franciscanos espirituais a nova Ordem da última idade anunciada por Joaquim. Esse programa foi exposto por ele em sua "*Introdução ao Evangelho eterno*" de 1254. A obra foi condenada mas as profecias joaquimitas encontrarão eco na alma dos Espirituais franciscanos e dos *Fratricelli*.

As idéias joaquimitas influíram no Conclave que elegeu o papa São CELESTINO V (1294). Viam nele, monge contemplativo, o "papa angélico" da era do Espírito, onde não mais interessariam as questões materiais e políticas. Celestino V renunciou após 6 meses de Pontificado e retornou ao mosteiro, onde ficou preso por ordem de seu sucessor.

Grandes joaquimitas foram o médico e teólogo Arnaldo DE VILLANOVA (+ 1311), médico de Bonifácio VIII e influente junto a Clemente V, Pier DI GIOVANNI (+ 1298), Jacopone DE TODI (+1306), Angelo CLARENO (+1337), Ubertino DA CASALE (+ 1328 aprox.). Esses unem o joaquimismo com a exaltação da pobreza e imprecações contra o Papado.

A Igreja espiritual se torna uma verdadeira seita com os "Fratricelli" e os "Apostolici" e outros grupos contestadores da baixa Idade Média.

São BOAVENTURA aceita a aplicação a São Francisco do anúncio joaquimita de um crescimento histórico até a realidade escatológica: Francisco foi o homem espiritual escatológico fundamental na história da santidade. Mas, na linha do mesmo Francisco, atribuindo a Cristo uma primazia absoluta e de caráter central: não existe um tempo do Espírito relativamente autônomo e novo: o tempo do Espírito, em que vive a Igreja, é o tempo de Cristo!

Joaquimitas foram os grandes teólogos medievais João DE PARMA, Pedro OLIVI, Ubertino DA CASALE. Dante ALIGHIERI relembra Joaquim com veneração na Divina Comédia (Paradiso, XII, 140): "*Il calabrese abate Gioachino / Di spiritu profetico dotato*".

OS DESAFIOS PERMANECEM

Joaquim DE FIORE exerceu grande influência na Idade Média. Seu messianismo traz a idéia de um reino histórico de paz, justiça e liberdade, porque um reino sem poder, governado por "homens espirituais". Secularizando-se sua Teologia chegamos à idéia de um reino terreno novo, onde a utopia se realiza. Se teologicamente a Parusia é situada na história, materializa-se a escatologia e temos um mundo que em si encerra o Reino. O messianismo marxista poderia ser situado nessa visão.

Joaquim DE FIORE marca a passagem da Idade Média para o Renascimento, inaugura a modernidade, o tempo da maturidade humana.

Três pensadores modernos herdaram essa filosofia joaquimita: G. LESSING, F. SCHILLER e G. HEGEL. O Espírito se encarna na matéria e o mundo será sempre mais dos homens esclarecidos, iluminados.

Eram joaquimitas os 12 Frades que aportaram no México em 13 de maio de 1524, comandados por Frei Martín DE VALÊNCIA OFM. Tencionavam implantar em Veracruz uma cristandade livre do poder imperial, pobre e sem estruturas.

Eram também joaquimitas os Frades espanhóis que aportaram em São Francisco do Sul, Santa Catarina, em 1538, vindos com a expedição de Alonso Cabrera. De dois se conhecem os nomes: Bernardo DE ARMENTA e Alonso LEBRÓN. Permaneceram em Santa Catarina, onde tencionavam fundar uma missão a que deram o nome de "Província de Jesus", o primeiro trabalho missionário organizado em terras brasileiras.

Em 1º de maio de 1538, Frei Bernardo DE ARMENTA escreve ao Conselho das Índias pedindo o envio de 12 confrades que viessem como "apóstolos". Assim no México como em Santa Catarina, o pedido de 12, lembrando os 12 Apóstolos. O sonho dos dois frades era fundar uma Cristandade arcádica, pobre, agrícola, livre tanto das influências estatais como da estrutura eclesiástica, sem grandes construções ou instituições. Uma refundação do Cristianismo!

Alguns

chamam Joaquim DE FIORE de o Pai da Nova Era. A Nova Era, de Aquário, será o tempo do homem integral, consciente de suas energias, livre e comunicativo, do homem do poder mental, era em que finalmente não se olhará mais para cima em busca de socorro: olhando

para dentro de si o homem se descobrirá como parte da energia eterna, peça de uma engrenagem invisível que constitui e movimenta todo o universo. A razão emancipada se identifica com o Espírito, o Espírito é a razão.

Atualmente se afirma que Joaquim DE FIORE é o autor italiano mais lido depois de Dante ALIGHIERI. Muito admirado no mundo anglo-saxão. Suas intuições são muito simpáticas ao movimento da Nova Era e até à Maçonaria, que prevê uma humanidade unida em torno do Espírito, livre de divisões confessionais, que aspira a um ecumenismo universal em torno dos ideais da verdade e da unidade. Nesse ecumenismo o papa teria lugar como símbolo visível da garantia do humanismo, da paz, da justiça, livre do dogma e da moral.

Creemos também ser oportuno oferecer um comentário desprezioso sobre o mundo em que viveu Joaquim DE FIORE e o nosso mundo. Não que aceitemos que a história seja cíclica, mas admitimos o princípio de que "*posita causa, ponitur effectus, tollita causa, tollitur effectus*".

Há elementos coincidentes entre a Baixa Idade Média e este final do século XX: o espiritualismo, a rejeição das instituições, o misticismo, a busca de sentido em numerologias, as angelologias, a busca da unidade religiosa, o sincretismo, o orientalismo, isso no campo civil e no campo religioso.

Se quisermos ser novos inquisidores, a fogueira terá que receber muita lenha para queimar os hereges modernos. Mas vimos que a Inquisição não venceu, porque procurava destruir ideais sem penetrar suas causas mais profundas. Nem venceram os teólogos com sua cerrada argumentação: a vitória foi dos místicos e dos contemplativos que souberam alimentar aquelas almas sedentas de espiritualidade, cansadas de um Cristianismo identificado com o poder. FRANCISCO venceu os albigenses, não as cruzadas.

Joaquim DE FIORE condenou as Cruzadas contra o Islam. Via neste a "sétima cabeça" da Besta do Apocalipse que renasce a cada golpe, "que ainda vive e causa a morte de muitos". Se os cristãos devem chegar até o final, sê-lo-á "mais pregando do que combatendo". No fracasso da Cruzada de Ricardo Coração de Leão em Messina ele viu uma lição de Deus à Igreja, pois "a vitória se dá a quem a consegue não pelo número de soldados, mas por sua fé".

A multiplicação das seitas cristãs em nossos dias parece reproduzir a situação dos séculos XII-XIV. Nelas, agora como então se vê no papa a "Besta do Apocalipse", se

"Eram joaquimitas os Frades espanhóis que aportaram em São Francisco do Sul, Santa Catarina em 1538"

rejeitam os Sacramentos, a Hierarquia, a Igreja, refundam-se o luciferanismo e o maniqueísmo. Busca-se no Evangelho, no Cristo não crucificado, numa Igreja não estruturada, ou então nas terapias religiosas alternativas, nos orientalismos panteísticos, o alimento para a vida espiritual.

A aproximação do ano 2000 atiza o milenarismo, a expectativa ou da destruição final ou de um mundo novo.

Se hoje a Igreja católica não cai na tentação do poder, pode cair na tentação da burocracia árida, das exigências protocolares, de subordinar o Espírito à pastoral. De subordinar a participação sacramental a um conjunto de legislação que não liberta, mas oprime, sufoca, afasta. O perigo, nunca esconjurado, de uma Igreja clerical, terá como consequência um poderoso movimento religioso laical fora das estruturas eclesásticas.

Hoje como então, o melhor caminho é nos despirmos do espírito de cruzados e nos revestirmos do Espírito que sacia, aquece, anima. Há os que deixam a Igreja porque renunciaram à busca de Deus e há aqueles, mais numerosos, que deixam a Igreja porque nela não encontram o espaço de liberdade, da ação do Espírito.

Por essa razão, é inútil tanto a busca de um retorno ao passado que alimenta a saudade e traz segurança, quanto a busca de uma secularização-modernização conceitual da fé. Nada mais é do que a opção pela minoria, para assistir aos que ainda estão dentro. Karl RAHNER afirmou que o futuro da Igreja está nas mãos dos que vêm do deserto, dos que conversaram com Deus face a face, e não dos que saem de intermináveis e estereis discussões teológicas. O mundo religioso atual procura orantes, guias espirituais e não pastores eficientes, mas estereis.

NOTAS

¹ Sobre o tema, ver artigo a ser publicado: *A evangelização em Santa Catarina*. Ver também o romance-poeta do nosso Pe. Tarcísio MARCHIORI *Terra dos Carijós*, Ed. do Autor, Florianópolis, 1986.

BIBLIOGRAFIA

FLICHE-MARTIN, *Historia de la Iglesia*, Tomo IX, pp. 449, 592, 622-624. EDICEP, Espanha.

KNOWLES D.-OBOLENSKI, *Nova História da Igreja*, vol. II, A Idade Média, Vozes, 1974(trad.), pp. 403ss.

CONGAR, YVES, *El Espiritu Santo*, Editorial Herder, 1983 (trad.), pp. 154-165.

REVISTA 30 DIAS, nº3, março de 1994, p. 52-61.

BIHLMAYER K.-TUECHLE H., *Storia della Chiesa*, Il Medioevo, Morcelliana, Brescia, 1969 (trad.), pp. 337-342.

LORTZ, JOSEPH, *Storia della Chiesa*, vol. I, Ed. Paoline, Alba, 1969 (trad.), pp.485-487, 560-561.

Endereço do Autor:

Catedral Metropolitana
Casa Paroquial
rua Arcipreste Paiva, 70
88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC

A Era do Espírito

O Batismo no Espírito

Pe. Ney Brasil Peretra
Professor de Exegese Bíblica

Na recente Instrução da CNBB, intitulada *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica (RCC)*, publicada em 27-11-1994, na parte do documento que aborda "Questões Particulares", o item n. 54 adverte sobre a "ambigüidade" da expressão **Batismo no Espírito**. Assim se exprimem nossos Bispos, pedindo que se evite seu uso: "A palavra 'Batismo' significa tradicionalmente o sacramento da iniciação cristã. Por isso, será melhor evitar o uso da expressão *Batismo no Espírito*, ambígua, por sugerir uma espécie de sacramento. Poderão ser usados termos como *efusão do Espírito Santo*, *derramamento do Espírito Santo*..."

Como se trata de uma expressão bíblica, fundamentada no Novo Testamento, vale a pena aprofundá-la exegeticamente, para se perceberem os motivos - válidos ou não - que levaram nossos Bispos a tal recomendação.

Antes de tudo, um esclarecimento. A expressão "**Batismo no Espírito**", como substantivo, não se encontra no Novo Testamento. Encontra-se, sim, várias vezes, em passagens bem determinadas, a expressão verbal equivalente - **batizar** ou **ser batizado no Espírito** - tratando-se sempre de uma ação exclusiva de Jesus, o Messias, em contraste com o batismo de João, o Precursor: João batiza "*com água, para o arrependimento*", enquanto Jesus batiza "*com Espírito Santo*" (literalmente, *em* ou *no* Espírito Santo).